

## 2. Fabio Luciano Iachtenchen \*

### *Os historiadores progressistas e a formação da New History norte-americana nas primeiras décadas do século XX*

#### ABSTRACT

O Movimento historiográfico heterogêneo que surgiu na transição dos séculos XIX e XX, mais ou menos simultaneamente em diferentes partes do mundo, foi denominado genericamente Nova História. Os historiadores a ele ligados tiveram como elemento unificador a rejeição às escolas científicas de pensamento histórico do século XIX, associadas ao chamado “paradigma tradicional”. Este trabalho propõe analisar as características essenciais de um dos grupos que contribuíram para a constituição e posterior repercussão deste movimento geral, a New History norte-americana, denominada também, em uma perspectiva mais ampla, de escola progressista. Apesar da expressão

“Nova História” ter sido observada anteriormente, foi um grupo de historiadores ligados às universidades de Columbia e Maryland, no início da década de 1910 até meados dos anos 1930, quem protagonizou uma proposta de mudança radical, conceitual e metodológica, em relação à historiografia do século anterior. Em um sentido geral, a New History propunha transformar a história (conhecimento, ensino, profissão) em um instrumento positivo de progresso social por meio de uma abordagem das origens históricas de determinados problemas do presente. Isso seria possível pela relação conceitual e metodológica com as ciências sociais emergentes, em uma tentativa totalizante de compreender e interpretar cada aspecto da vida humana no passado. Assim, a proposta central é analisar de que forma a New History se configurou como nova concepção de história, com escopo e propósito particulares, de forma a estabelecer um novo modelo explicativo da formação dos Estados Unidos como substitutiva à frontier thesis de Frederick Jackson Turner e, em segundo plano, perceber a influência da Primeira Guerra Mundial na formação da New History como campo historiográfico.

Palavras-chave: Nova História, historiografia norte-americana, escola progressista.

\*\*\*

\* Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Pós-doutorando em História Social no Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Estadual de Londrina. E-Mail: [fabio.luciano@gmail.com](mailto:fabio.luciano@gmail.com)

**E**L movimiento historiográfico heterogéneo que surgió en la transición de los siglos XIX y XX, más o menos simultáneamente en

diferentes partes del mundo, fue denominado genéricamente Nueva Historia. Los historiadores ligados a este movimiento tuvieron como elemento unificador el rechazo a las escuelas científicas de pensamiento histórico del siglo XIX, asociadas al llamado "paradigma tradicional". Este trabajo propone analizar las características esenciales de uno de los grupos que contribuyeron a la constitución y posterior repercusión de este movimiento general, la New History norteamericana, denominada también, desde una perspectiva más amplia, de escuela progresista. A pesar de que la expresión "Nueva Historia" fue observada anteriormente, fue un grupo de historiadores vinculados a las universidades de Columbia y Maryland, a principios de la década de 1910 hasta mediados de los años 1930, quien protagonizó una propuesta de cambio radical, conceptual y metodológico, a la historiografía del siglo anterior. En un sentido general, la nueva historia proponía transformar la historia (conocimiento, enseñanza, profesión) en un instrumento positivo de progreso social a través de un abordaje de los orígenes históricos de determinados problemas del presente. Esto sería posible por la relación conceptual y metodológica con las ciencias sociales emergentes, en un intento totalizante de comprender e interpretar cada aspecto de la vida humana en el pasado. Así, la propuesta central es analizar de qué forma la New History se configuró como nueva concepción de historia, con alcance y propósito particulares, para establecer un nuevo modelo explicativo de la formación de los

Estados Unidos como sustitutivo a la frontier thesis de Frederick Jackson Turner y, en segundo plano, percibir la influencia de la Primera Guerra Mundial en la formación de la New History como campo historiográfico.

Palabras clave: Nueva Historia; historiografía norteamericana; escuela progresista.

\*\*\*

**T**he heterogeneous historiographic movement that emerged in the transition of the nineteenth and twentieth centuries, more or less simultaneously in different parts of the world, was generically called New History. Historians linked to this movement had as their unifying element the rejection of the nineteenth-century scientific schools of historical thought associated with the so-called "traditional paradigm." This work proposes to analyze the essential characteristics of one of the groups that contributed to the constitution and later repercussion of this general movement, the New History in America, also called, in a broader perspective, a progressive school. Although the expression "New History" as noted earlier, it was a group of historians connected to the universities of Columbia and Maryland, in the early 1910s to the mid-1930s, who staged a radical, conceptual and methodological change toward to the historiography of the previous century. In a general sense, New History proposed to transform history (knowledge, teaching, profession) into a positive instrument of social progress by approaching the historical origins of

*certain problems of the present. This would be possible through the conceptual and methodological relationship with the emerging social sciences, in a totalizing attempt to understand and interpret every aspect of human life in the past. Thus, the central proposal is to analyze how New History has emerged as a new conception of history, with particular scope and purpose, in order to establish a new explanatory model of the formation of the United States as a substitute for the frontier thesis of Frederick Jackson Turner and, in the background, realize the influence of the First World War in the formation of New History as a historiographical field.*

**Keywords:** *New History; American historiography; progressive school.*

**History: an account mostly false, of events mostly unimportant, which are brought about by rulers mostly knaves, and soldiers mostly fools. Ambrose Bierce, Devil's dictionary, 1911**

A definição de História cunhada pelo jornalista e ensaísta norte-americano Ambrose Bierce em seu dicionário satírico tem o tom crítico e irônico comum ao gênero, um instrumento linguístico que expõe caricaturalmente as instituições, figuras públicas e costumes. Este dicionário particularmente contém mais de mil verbetes, epigramas e pequenos ensaios que constituem um panorama interessante sobre

as ideias circulantes nos Estados Unidos dos anos 1910 a partir de sua aguçada ironia. Mesmo considerando a aparente despreziosidade nesta definição crítica da História, tomada em um sentido institucional, ela dirige-se abertamente a uma forma de se pensar e fazer a história, particularmente associada ao século XIX e a determinadas correntes de pensamento do período, ao mesmo tempo em que ilustra um conjunto de críticas dirigidas aos historiadores novecentistas no início do século XX.

A definição capta uma parte do entendimento cada vez mais comum à época de que uma determinada forma de escrita e produção da história seria caracterizada por ser uma reunião falsa e\ou artificial de eventos pouco importantes, nos quais figuravam grandes vultos, como governantes e militares de alta patente. É também uma crítica a história essencialmente política, voltada aos indivíduos considerados importantes e a cuja natureza era factual e episódica.

Podemos associar este espírito crítico ao movimento historiográfico heterogêneo e desarticulado que surgiu na transição dos séculos XIX e XX, mais ou menos simultaneamente em diferentes partes do planeta, denominado genericamente “Nova História”. Este grupo teve como elemento unificador a rejeição às escolas científicas de pensamento histórico do século XIX, a partir do diagnóstico de que os modelos explicativos do passado consagrados por estas abordagens europeias, associadas ao chamado “paradigma tradicional”, não



estariam mais aptas a explicar a dinâmica social e política do início do século XX.

Este trabalho propõe analisar um dos grupos que contribuíram decisivamente para a constituição e posterior repercussão deste movimento geral, a *New History* norte-americana, denominada também *Progressive School*. Apesar da expressão “Nova História” ser observada anteriormente, foi um grupo de historiadores ligados às universidades de Columbia e Maryland, no início da década de 1910 até pelo menos o final dos anos 1930, quem protagonizou uma proposta de mudança radical, conceitual e metodológica, em relação ao século anterior.<sup>1</sup>

O termo “progressista” foi consagrado posteriormente por Richard Hofstadter para definir o grupo inicial de historiadores norte-americanos ligados à *New History*. Em *The progressive historians: Turner, Beard, Parrington* (1968), Hofstadter analisou três obras que considerou referenciais para a formação do campo nos Estados Unidos entre o final do século XIX e início do XX: *The significance of the frontier in American history* (1894), de Frederick Jason Turner, *An*

<sup>1</sup> Os argumentos sobre a perda de influência da *New History* na historiografia norte-americana em meados da década de 1930 estão relacionados à ascensão da chamada “consensus school”, que advogava uma abordagem voltada à unidade dos valores americanos em detrimento às análises sociais e estruturantes. Ocorriam também os primeiros debates sobre História Intelectual, a partir de trabalhos de Paul Lovejoy, como, por exemplo, *The great chain of being: a study of the history of an idea*, de 1933. É possível considerar também a importância posterior da seriação de dados que deu origem aos chamados “cliometristas”, inaugurando uma abordagem adequada ao quadro geopolítico no qual os EUA estavam inseridos após a Segunda Guerra Mundial. C. f. VASCONCELOS, José Antonio. *Quem tem medo da teoria? A ameaça do pós-modernismo na historiografia americana*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2005, p. 31-32.

*economic interpretation of the Constitution of the United States* (1913), de Charles Beard e *Main currents in American thought* (1927), de Vernon L. Parrington.<sup>2</sup>

É notável a ausência de Carl Becker, que frequentemente é citado como um dos expoentes do grupo e um de seus idealizadores mais importantes, justificada por Hofstadter pelo fato de Becker não ter escrito nenhuma obra que se assemelhasse às que elegeram como representativas do conjunto de ideias que analisou como historiografia progressista. Isto posto, a introdução do livro faz a ressalva de que ao agrupá-los enquanto progressistas não pretendia defini-los como uma escola totalmente unitária, e menos ainda sugerir que eles adotaram precisamente o mesmo ponto de vista sobre a produção do conhecimento histórico ou mesmo sobre as grandes questões políticas ou sociais do período.<sup>3</sup>

Ainda que tenham vindo da mesma região, a Costa Leste norte-americana, e tenham pertencido mais ou menos à mesma geração, tiveram experiências diferentes em determinados momentos. Charles Beard, por exemplo, concebia que a tese da fronteira elaborada por Frederick Jason Turner, apesar de estar ligada a alguns movimentos políticos insurgentes nos Estados Unidos das duas primeiras décadas do século XX, estava também recoberta de um certo conservadorismo nacionalista como ideia

<sup>2</sup> Neste trabalho uso a edição em espanhol da Editora Paidós, publicada no mesmo ano da edição original: HOFSTADTER, Richard. *Los historiadores progresistas*. Buenos Aires: Paidós, 1968.

<sup>3</sup> HOFSTADTER, Richard. *Los historiadores...*, p. 12.

fundante da unidade conceitual americana.<sup>4</sup> Tanto Beard quanto Vernon Louis Parrington responderam melhor aos movimentos de esquerda dentro do heterogêneo campo progressista. Justamente por ocasião do *New Deal* na década de 1930, as teses econômicas e sociais de explicação da constituição dos Estados Unidos se tornaram mais populares, em detrimento a rejeição ao modelo explicativo sugerido por Turner.

A partir da afirmação do historiador britânico Jack R. Pole, é possível considerar que a força dirigente do movimento intelectual progressista seja a *New History*. Para Pole, seu programa pode ser resumido com relativa simplicidade, o que não é necessariamente um demérito aos seus praticantes: a ideia central seria transformar a história (conhecimento, ensino, profissão) em um instrumento positivo de progresso social por meio de uma abordagem das origens históricas de determinados

<sup>4</sup> A *frontier thesis* foi elaborada por Frederick Jackson Turner e primeiramente apresentada como um artigo, *The significance of the frontier in American history*, endereçado à *American Historical Association* em 1893. Seu argumento central explicava a constituição da democracia norte-americana pela expansão Oeste das fronteiras, desvinculando das antigas tradições europeias a essência da formação nacional. O Oeste atraía milhares de colonos, que livres das amarras institucionais do Leste, buscavam a liberdade econômica e política, transformando constantemente a democracia norte-americana a partir do avanço geográfico. Segundo Arthur de Lima Ávila, a importância da tese da fronteira está no fato da expansão para o Oeste ser confundida com a própria história da expansão da América ou, em outras palavras, como sendo a própria história da nação em um processo de institucionalização e profissionalização da história no contexto da expansão no ensino superior na última década do século XIX. C. f. ÁVILA, Arthur Lima de. “Da história da fronteira à história do Oeste: fragmentação e crise na *Western history* norte-americana no século XX.” *História Unisinos* 13 (1), Jan-Abril 2009, p. 84-85.

problemas do presente. Isso seria possível pela relação conceitual e metodológica com as ciências sociais emergentes, em uma tentativa totalizante de compreender e interpretar cada aspecto da vida humana no passado.<sup>5</sup>

A proposta central deste trabalho se assenta na tese de que, a despeito desta anunciada ausência de coesão e de um programa mais objetivo, a contribuição da *New History* na abordagem histórica e crítica dos grandes temas sociais de seu tempo também se propôs a representar uma espécie de nova convenção, que substituiria a “tese da fronteira” de Turner como modelo explicativo hegemônico da formação dos Estados Unidos, uma espécie de novo pacto de desenvolvimento baseado no progressismo construído por uma nova visão histórica.

A primeira questão é estabelecer uma diferença entre o que propunham os progressistas norte-americanos e os movimentos semelhantes que receberam também a definição de Nova História. Em *A escrita da história*, coletânea de textos organizados pelo historiador britânico Peter Burke como *summa* representativa das tendências da metodologia e prática historiográficas no início da década de 1990, o próprio autor apresenta uma introdução cujo título remete à ideia de uma “Nova História” como conceito representativo de correntes de pensamento históricos passadas. Ao propor uma resposta à questão, “quanto nova é a nova história?” aponta que

<sup>5</sup> POLE, J. R. “The new history and the sense of social purpose in American historical writing.” *Transactions of the Royal Historical Society*, vol. 23 (1973), p. 222.

a expressão é mais comumente associada aos movimentos historiográficos observados nos anos 1970 e 1980, quando a reação ao chamado “paradigma tradicional” se tornou praticamente mundial, atingindo contextos que extrapolaram a produção histórica de tradição essencialmente europeia.

Para outros, aponta Burke, a nova história deveria ser essencialmente associada aos *Annales*, pois estes transformaram a aspirações sobre novos métodos e temas em uma revista e um grupo, atitude que promoveu uma institucionalização destes propósitos, antes dispersos, de maneira que puderam oferecer um programa organizado sobre uma possível teoria da história que repensava também o ofício do historiador.<sup>6</sup>

Partindo destes pressupostos, e na tentativa de mapear as origens da Nova História, Burke cita o historiador alemão Karl Lamprecht como um dos precursores do movimento, ressaltando que ele se tornou impopular na Alemanha no início do século XX ao desafiar os paradigmas tradicionais, e lembra das contribuições de Henri Berr, na década de 1910, para a popularização da história articulada às ciências sociais emergentes. Por fim, afirma que o termo “nova história” foi utilizado pela primeira vez pelo historiador norte-americano James Harvey Robinson, em um ensaio de 1911 chamado propriamente de *New History*.<sup>7</sup>

Nas décadas de 1920 e 1930, os novos historiadores trouxeram, em diferentes oportunidades, questionamentos sobre o protagonismo da imaginação histórica norte-americana calcada em Frederick Turner, considerado por alguns como um precursor do movimento por propor uma grande síntese, em olhar perspectivo, com ferramentas da economia e geografia. A questão passa pelo problema de classes não resolvido por Turner, que argumentava que a força-síntese da fronteira seria naturalmente responsável pela destruição de uma determinada aristocracia econômica. Um ponto comum defendido por Charles Beard e seus pares é que o industrialismo e o progresso social configuravam uma força impessoal tão importante na desconfiguração das instituições e tradições quanto foi o avanço físico das fronteiras para a conformação da nação estadunidense.

Além da análise desta questão inicial, a intenção é também perceber o que os aproxima da Nova História enquanto movimento generalista, e o que é particular na *New History*, ou seja, o que essencialmente os caracteriza como um grupo de acadêmicos (em sua maioria), que em um determinado momento apresentou de maneira organizada e relativamente coesa um conjunto de propostas interdisciplinares para a produção e difusão do conhecimento histórico.

### **A *New History* norte-americana**

O professor Albert Menthiez, da Universidade de Paris, ao resenhar *The*

Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em História*. São Paulo: Paz e terra, 2000.

<sup>6</sup> BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992, p. 17.

<sup>7</sup> Sobre a Nova História como um movimento mais geral, ver NOVAIS, Fernando; SILVA, Rogério Forastieri. *Nova história em perspectiva*, vol. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2011, SILVA, Rogério F. *História da historiografia*. Bauru: EDUSC, 2001 e REIS, José



*Jacobins, an essay in New History* (1930), de Crane Brinton, usou as seguintes palavras iniciais: “A Nova História, que chega até nós dos Estados Unidos, obviamente, declara com orgulho que para atingir seus objetivos os seguidores devem ser, ao mesmo tempo, economistas, sociólogos, filósofos e jornalistas, totalmente oniscientes; em resumo – americanos.”<sup>8</sup>

Menthiel se tornou conhecido por sua interpretação marxista da Revolução Francesa, e pela ênfase no conflito de classes oriundo do Antigo Regime. Foi, portanto, um historiador que apesar de não estar vinculado aos *Annales* - pelo contrário, era um *Sorbonist*, - tinha uma abordagem da história dependente de conceitos e métodos da economia e estudos sociais. Mesmo assim, sugere que este diálogo interdisciplinar com as ciências sociais, no qual o historiador precisa ser todo de uma só vez, não estava relacionado aos pressupostos historiográficos franceses que compartilhava. Era, enfim, coisa de americanos.

Pode-se inferir que um campo em formação, genericamente chamado *New History*, essencialmente caracterizado por uma reação não orquestrada em relação a um (in)determinado paradigma tradicional, e que não apresentava um receituário conceitual e programático mais aprofundado, não tenha atraído a atenção de Menthiel, que na sequência do texto sequer o relacionou

<sup>8</sup> BRINTON, Crane. “The ‘new history’ and ‘past everything’”. *The American Scholar*, vol. 8, n. 2, 1939, p. 144. “New History, which comes to us from the United States of course, declares with pride that to attain its aims its followers must be at once economists, sociologists, philosophers and journalists, altogether omniscient; in short – Americans.”

com fenômenos intelectuais semelhantes que estavam em curso na França de sua época. Ou, ainda, é possível sugerir que além da ausência deste programa mais objetivo, estabelecido por parte dos novos historiadores, a relação de outras áreas de conhecimento com a história talvez não parecesse tamanha novidade, ao menos não suficiente para determinar esta condição de *nova* ou sua novidade.

Algumas ideias iniciais da *New History* podem ser encontradas de uma maneira mais direta no manifesto de 1911 redigido por James Harvey Robinson, no qual expôs, ainda que brevemente, o que parecia ser um conjunto de anseios amplamente compartilhados sobre a produção da história no início do século XX. Logo no primeiro parágrafo, há uma declaração sobre quais seriam as fontes a serem privilegiadas enquanto novas linguagens, dando conta de um alargamento da noção de fonte histórica, semelhante ao encampado posteriormente pelos *Annales*, além de uma definição sobre qual deveria ser o objeto da história.

Em seu significado mais amplo, a história inclui todos os traços e vestígios de tudo o que o homem fez ou pensou desde o seu aparecimento na face da Terra. Ela pode aspirar ao destino das nações ou descrever os hábitos e emoções do mais obscuro indivíduo. Suas fontes de informação vão desde as rústicas machadinhas de pedra de Chelles até o jornal da manhã. Ela é a ciência vaga e abrangente dos assuntos humanos do passado. É de história que se trata quando deciframos uma hipoteca numa placa assíria, calculamos o valor do colar de diamantes ou descrevemos o excesso de massa podre que

Carlos V devorava ao ponto de passar mal. As trágicas reflexões da nora de Eli, quando soube da derrota de seu povo em Ebenezer, são história; história são também as cláusulas da Magna Carta, as origens da doutrina da transubstanciação, a queda de Santiago, a diferença entre um monge beneditino e um frade carmelita, as tiragens do New York World até 1º de fevereiro deste ano; cada fato tem seu interesse e importância; tudo foi cuidadosamente registrado.<sup>9</sup>

Robinson sugere que esta revisão temática/metodológica se fazia necessária face ao que definiu como as “peculiaridades da historiografia popular” de sua época, uma alusão ao paradigma tradicional, que definiu em três grandes pontos:

1. A inclusão descuidada de meros nomes, que dificilmente podem ter algum significado para o leitor e, em vez de estimular a reflexão e o interesse, apenas sobrecarregam o espírito;
2. Uma propensão mais ou menos insopitável a enfileirar fatos políticos, com a exclusão de assuntos geralmente muito mais importantes;
3. O velho hábito de narrar episódios extraordinários, não porque ilustrem a tendência geral dos assuntos humanos ou as condições predominantes de uma determinada época, mas, simplesmente, porque são conspícuos nos anais do passado. Isso resulta numa ridícula falta

<sup>9</sup> ROBINSON, James Harvey. “A nova história”. In: NOVAIS, Fernando; SILVA, Rogério Forastieri. *Nova história em perspectiva*. Vol. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 519.

de perspectiva que atribui mais importância a um jornalista demente como Marat do que a um autor influente como Erasmo.<sup>10</sup>

A concepção de uma história viva, socialmente relevante e que produza um sentido de orientação para as pessoas no presente é o propósito central defendido por Robinson. Por isso, o fazer histórico deveria partir de um princípio semelhante ao que rege nossa relação pessoal com o passado, uma correlação íntima entre nossas experiências no tempo e a forma como a contamos, organizando, encadeando e damos sentido sobre o que queremos lembrar como significativo para nossas vidas. A história deveria preencher certas necessidades do presente, e não “se assemelhar àquelas memórias muito ruins que insistem em lembrar fatos que não guardam nenhuma relação visível com as nossas necessidades, e é por essa razão que o valor prático da história ficou obscurecido por tanto tempo”.<sup>11</sup>

Para compreendermos algumas características essenciais da *New History* podemos tomar como ponto de partida a resenha escrita por Carl Becker a respeito do

<sup>10</sup> ROBINSON, James Harvey, “A nova história”, p. 528-29.

<sup>11</sup> ROBINSON, James Harvey, *A nova história*, p. 531. Este trecho foi retirado da minha tese de doutorado defendida no Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, em setembro de 2015, acerca da concepção historiográfica do escritor inglês H. G. Wells, especialmente em sua *História universal* de 1919. C. f. IACHTECHEN, Fabio Luciano. *O argonauta de cronos: estratos temporais em H. G Wells historiador*. 2015. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.



livro *New History and social studies*<sup>12</sup>, publicado em 1925 por Harry Elmer Barnes, aluno de James Harvey Robinson em Columbia, um dos principais expoentes posteriores do movimento e um dos poucos na defesa do seu legado como escola historiográfica na segunda metade dos anos 1930. Becker argumenta que o sentido geral da *New History* identificado entre seus pares é a recusa a um tipo de escrita da história inspirada em Edward Augustus Freeman, historiador liberal e professor da Universidade de Oxford durante a segunda metade do século XIX. A expressão que emprega é “Freemanesque conception”, que significaria uma espécie de adequação da história aos eventos políticos episodicamente selecionados e expostos. O próprio Carl Becker faz questão de ressaltar que a proposta da *New History* não é a rejeição integral aos temas relacionados ao poder, mas sim à submissão a esta tradição que concebe o passado como essencialmente político.

---

<sup>12</sup> Nesta obra Barnes faz uma apresentação inicial dos pressupostos orientadores da *New History*, dividida em propósitos, escopo e interpretação. Em seguida, há uma extensa exposição sobre como cada ciência nova -*New Sciences*, grupo assim chamado de ciências surgidas ou consolidadas desde a segunda metade do século XIX - pode oferecer métodos, técnicas e conceitos para a história. Cada uma delas é abordada em um capítulo, a começar pela geografia e pela influência de Frederick Turner e o conceito de fronteira na historiografia americana do final do século XIX. Sua análise segue com a apresentação da importância da psicologia, antropologia, economia, ciência política, além de um capítulo final no qual se remete a uma *social intelligence*, traduzida, em linhas gerais, por sociologia. A função destas áreas de conhecimento seria oferecer para a história um alargamento de suas fronteiras de atuação, delimitadas por uma exagerada condução científica que não permitiria uma relação mais dinâmica com os fenômenos passados, além de proporcionar um conjunto de ferramentas de análise social operacional para os novos tempos.

A esta primeira afirmação, Becker acrescenta que outra grande contribuição pode ser verificada na ampliação do escopo do historiador, que passa a conceber a reconstrução das civilizações, em sua totalidade e diferentes dimensões, como modelo preferencial. A ideia de totalidade seria expressa na busca de tudo aquilo que diz respeito a passagem humana pela Terra, um esforço de busca e organização da informação a respeito de tudo que fizemos, construímos, sentimos ou experienciamos. A expansão deste modelo seria, para Becker, o triunfo do que chamou de *genetic orientation*.<sup>13</sup>

Em outra obra de Harry Elmer Barnes, *History of historical writing* (1937), há uma tentativa de expor sinteticamente um pretense programa da *New History* enquanto uma das concepções de escrita da história elencadas pelo autor desde a Antiguidade Clássica. Barnes defende que a *New History* foi responsável por propor não apenas novos temas ligados às estruturas e civilizações, mas que sua contribuição está na formação de um novo profissional da história, capaz de captar as importantes mudanças causadas pelo industrialismo, pelos meios de comunicação e pela relação com a informação. Na tarefa de reconstrução das diferentes fases das civilizações seria importante um equipamento intelectual mais amplo, que preferencialmente estivesse relacionado à biologia, antropologia, psicologia, economia e sociologia. “A nova história implica tanto um novo programa como um novo conteúdo para a história,

---

<sup>13</sup> BECKER, Carl. *New history and social studies*. *Saturday Review of Literature*, Aug. 15, 1925, p. 233.

além de um novo conjunto de qualificações para a prática da história.”<sup>14</sup> Enfim, defende que a “novidade” do movimento apresentada nas décadas anteriores está justamente na “orientação genética” mencionada por Carl Becker.

A principal aspiração à novidade que a nova história pôde concretizar, no que diz respeito ao escopo de seu objeto, é o grau que esse ponto de vista mais amplo ganhou em termos de aceitação atualmente. (...). Nas gerações anteriores, os escritores da história da cultura eram indivíduos solitários e muitas vezes desprezados. Hoje, talvez a maioria dos historiadores mais jovens tenha abraçado seriamente o prospecto da nova história. (...) O triunfo do ponto de vista evolutivo e da atitude genética, levando o historiador a estar principalmente interessado em mostrar como a ordem atual surgiu, é, além disso, verdadeiramente original e único.<sup>15</sup>

Este pretenso “programa” da *New History* foi sinteticamente apresentado por Gerson Moura, em seu estudo introdutório sobre a historiografia americana, a partir das

seguintes considerações gerais: primeiro, uma de suas motivações centrais estaria em produzir uma resposta ao processo de cientificização da história, que a tornou por demais especializada e pouco inteligível ao grande público. Sua produção deveria ser pautada por determinados preceitos científicos, mas a apresentação deveria ser literária. A segunda questão estava na necessidade de produzir uma história que fosse além da singularidade do fato, para um olhar sobre os fenômenos do passado sob uma perspectiva mais cultural e social, o que sugere seu caráter precursor da História Social desenvolvida no século XX.

Esta abordagem implicaria a necessidade de um alargamento das fronteiras conceituais e metodológicas, abarcando a contribuição de outras ciências humanas e sociais, uma maneira de lidar com problemas contemporâneos e acentuar sua função social, um contraste com as formas consideradas pedantes de erudição histórica, voltadas exclusivamente ao passado e nele circunscritas. Para Moura,

(...) um elemento crucial para se entender a “nova história” estava na sua identificação com o espírito reformista que teve grande importância no final do século XIX e início do XX, como resposta à grande transformação urbano-industrial, de magnitude e velocidade sem precedentes na experiência norte-americana. (...) Os historiadores progressistas, queriam não apenas

<sup>14</sup> “*The new history implies both a new program as to the content of history and a new set of qualifications for the practice of history.*”

<sup>15</sup> BARNES, Harry Elmer. *A history of historical writing*. New York: Dover Publications, 1962, p. 374-375. “The chief claim to novelty which the new history can make with respect to the scope of its subject matter is the degree to which this broader point of view has gained acceptance in the present age. (...) In previous generations the writers on the history of culture were lonely and often despised individuals. Today, perhaps a majority of the younger historians have seriously embraced the prospectus of the new history. (...) The triumph of the evolutionary viewpoint and the genetic attitude, leading the historian to be chiefly interested in showing how the present order has come into being, is, moreover, truly novel and unique.”

explicar a transformação, mas também participar dela.<sup>16</sup>

Este espírito reformista mencionado por Gerson Moura, embasado pela relação da história com as ciências sociais, pode ser captado nos novos historiadores a partir de alguns pontos comuns como, por exemplo, a ideia de que a industrialização seria uma força propulsora imanente rumo ao progresso, e responsável pela destruição das elites econômicas tradicionais do século XIX, ligadas à expansão das fronteiras e dotada de privilégios tais que configurariam uma ameaça aos ideais democráticos fundantes da nação.

Podemos encontrar uma síntese deste ideal em um dos primeiros livros de Charles Beard, *The Industrial Revolution* (1901), resultado de pesquisas realizadas na Inglaterra e Alemanha no intuito de compreender aquilo que julgava ser o futuro inevitável da América. Quebrando a tradição de Turner, Beard argumentava que a salvação humana não estaria em escapar para a natureza, mas sim em escapar da própria natureza por meio da transformação cada vez mais eficiente da matéria-prima em riqueza.<sup>17</sup>

No entanto, estas importantes mudanças no sistema produtivo trouxeram também

notável desordem social. Apesar de a Inglaterra ter observado um estado daquilo que classificou como “selvageria social”, no qual a pobreza crescente e a competição entre indivíduos fomentada pelo capitalismo industrial atingiram níveis comprometedores. Mesmo assim, esta situação seria apenas transitória: a lei do progresso seria inexorável e o futuro da nação sob a égide do industrialismo estava na necessária organização racional para este caos social. Beard acreditava que este processo se daria em duas fases: a primeira já havia sido experimentada na Inglaterra, ou seja, a transformação dos meios de produção pela introdução de um sistema que substitua a energia e limitações humanas. A segunda teria destino do outro lado do Atlântico no início do século XX, a partir da emergência das instituições sociais e democráticas que atuariam em conjunto com o industrialismo.

Um dos efeitos mais importantes para a história seria a necessidade em se criar um modelo de análise que dessa conta dos vários aspectos sociais inerentes a esta complexidade, ao mesmo tempo que uma inevitável nova fronteira, com conformações mundiais, seria criada pelo industrialismo, gerando novos temas e problemas em âmbito mundial.

Em outro livro de Charles Beard, em colaboração com James Harvey Robinson, *The development of Modern Europe* (1907), a questão da força motriz da democracia industrial norte-americana reaparece em um formato mais próximo daquele que caracterizaria a historiografia do movimento posteriormente: uma grande obra de divulgação e educação popular, em

---

<sup>16</sup> MOURA, Gerson. *História de uma história: rumos da historiografia norte-americana no século XX*. São Paulo: Edusp, 1995, p. 20-23. O estudo de Gerson Moura sobre a historiografia americana foi produzido como parte de uma obra maior sobre atuação dos brasilianistas nas universidades dos Estados Unidos, “A leitura brasilianista da história do Brasil”, obra interrompida pelo seu falecimento em 1992.

<sup>17</sup> BEARD, Charles. *The Industrial Revolution*. London: Sonnenschein, 1901, p. 23.

linguagem mais simples acessível ao grande público. No próprio prefácio, os autores argumentam que este não seria um livro de história comum, seria “*New History*”, algo diferente da abordagem histórica tradicional porque focaria primeiramente no presente, para então voltar ao passado de maneira a traçar o desenvolvimento dos fatores mais importantes da sociedade contemporânea.<sup>18</sup>

A ênfase do livro está no século XVIII, período no qual estariam as verdadeiras raízes da moderna sociedade estadunidense, pois uma dupla revolução pôde ser ali observada: além do novo sistema produção substitutivo da manufatura, uma revolução no mundo das ideias havia sido concretizada pela tradição iluminista que serviria como inspiração racionalista para a nova ordem social. Para os autores as duas revoluções, juntas, trariam a inspiração da consciência social do progresso disseminada pelos *philosophes*, para que o século XX fosse erigido não apenas pelos elementos materiais do industrialismo, mas também pela popularização de um ideal de comum de progresso.<sup>19</sup>

### **A Primeira Guerra Mundial e a *New History***

Ao avaliar os possíveis impactos da Grande Guerra no universo intelectual estadunidense, especialmente entre os historiadores, Peter Novick argumenta que há uma tendência recente na historiografia

norte-americana em questionar o papel do conflito como um momento decisivo de mudanças conceituais e metodológicas radicais na produção do conhecimento histórico. Em sua análise sobre os questionamentos à historiografia objetivista publicada originalmente em 1998, Novick nota que muitos dos pressupostos reconhecidos nas ciências, na literatura e nas artes, resultados dos desdobramentos de Primeira Guerra, tem suas raízes em momentos anteriores a 1914. O mesmo se aplicaria à História, pois o fim da guerra teria representado apenas um ponto de inflexão para algumas discussões que levariam algum tempo para se configurarem em mudanças mais profundas, como as teses relativistas da década de 1920.

A mudança mais importante estaria em um desafio à postura profissional fundamentada em uma objetividade descompromissada e patriótica, em parte ligada a ainda influente tradição acadêmica germânica, confrontada no pós-guerra por uma tendência emergente mais austera e pretensamente imparcial em relação aos fenômenos, calcada em critérios mais científicos e aberta à influência de outras áreas do conhecimento. Para Novick, “se antes da guerra os historiadores norte-americanos estiveram amplamente isolados das correntes modernistas de pensamento filosófico, científico e social, depois dela estas correntes se tornaram um fator significativo de reformulação dos temas historiográficos”<sup>20</sup>.

<sup>18</sup> BEARD, Charles; ROBINSON, James Harvey. *The development of Modern Europe*, 2 vols. Boston: Ginn, 1907, vol. I, p. 12.

<sup>19</sup> BEARD, Charles; ROBINSON, James Harvey. *The development...*, p. 167.

<sup>20</sup> NOVICK, Peter. *That noble dream: the “objectivity question” and the American Historical Profession*. New York: Cambridge University Press, 1988, p. 111-112.

“Whereas before the war, American historians were largely isolated from modernist currents in



Por volta de 1914, os principais historiadores progressistas estavam em constante atividade, voltados especialmente a promover suas teorias acerca da história, seus métodos e procedimentos, e a convencer seus pares de que participavam de uma espécie de cruzada renovadora dos estudos históricos cuja essência estava definida nos propósitos da *New History*.

Charles Beard estava às voltas com a elaboração final de seu trabalho acerca da interpretação econômica da formação dos Estados Unidos, *An economic interpretation of the Constitution of the United States*. Já James Harvey Robinson desfrutava da boa recepção de seus ensaios sobre a *New History* e formulava sua tese sobre o progresso social da mente humana, materializada posteriormente em *The mind in the making*, de 1922.

Carl Becker lecionava na Universidade do Kansas, onde passou quatorze anos de sua carreira, e produzia alguns ensaios sobre educação e sociedade. Alguns anos antes Becker esteve em Columbia, e participou de um seminário com James Harvey Robinson sobre o pensamento europeu no século XVIII, quando pode compartilhar algumas de suas ideias sobre uma *present-minded history* como fundamental à compreensão dos problemas históricos do presente. Sua formação anterior carregava a influência das aulas que havia tido com Frederick Turner em Winsconsin, naquela época já convencido de que a fronteira democrática estava ameaçada pelo novo industrialismo norte

americano. Seu espírito em Columbia era semelhante ao de Turner em sua crença na capacidade do historiador em lançar luz a esta crise, uma função prática e socialmente importante. Sua convicção estava na necessidade de a pesquisa histórica ter maior ênfase nos elementos econômicos e dos historiadores dialogarem de uma maneira mais efetiva com as ciências sociais.

Em 1909 Becker publicou o resultado de uma dissertação, *The history of political parties in the Province of New York, 1760-1776*, cuja ideia central era demonstrar, tomando o exemplo de Nova York, que a Revolução Americana esteve fundamentada em dois grandes movimentos: a formação de regras internas voltadas para o processo de independência e a democratização das instituições políticas e sociais americanas. Para Becker, o segundo movimento foi o mais importante, e representou o esforço de um grupo de “pessoas comuns” contra a velha ordem colonial, que ameaçava manter alguns privilégios durante a transição da independência. Para David Noble, a tese de Becker foi o primeiro estudo cuidadosamente documentado acerca de existência de uma luta de classes nos Estados Unidos envolvendo interesses republicanos contra uma aristocracia artificial e com traços coloniais.<sup>21</sup>

Mas sua aproximação mais efetiva com a *New History* se deu no ensaio de 1910,

---

philosophical, scientific, and social thought, after it, these currents became a significant factor in the rethinking of historiographical issues.

---

<sup>21</sup> NOBLE, David. *Historians against history: the frontier thesis and the national covenant in American historical writing since 1830*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1965, p. 76-77.

*Detachment and the writing of history*,<sup>22</sup> texto no qual promoveu uma crítica ao conhecimento histórico que não se preocupava com a compreensão dos problemas do presente. Becker imprimiu um tom bastante incisivo neste ensaio, dirigindo-se diretamente aos seus pares ao afirmar que alguns deles se contentavam em estabelecer a validade de alguns fatos particulares e reuni-los de maneira confusa, deixando para o leitor a tarefa de encontrar neles alguns padrões de significação que permitiriam qualquer orientação mais geral sobre o passado. Becker argumentava que se os historiadores acreditavam que poderiam escapar da responsabilidade em selecionar, organizar e narrar a história por considerarem o fato histórico como um elemento puramente objetivo, estavam errados. Os historiadores deveriam ser formuladores\definidores dos problemas sociais presentes e, ao mesmo tempo, capazes de oferecerem soluções por meio do conhecimento produzido.<sup>23</sup>

A Primeira Guerra Mundial representou um impacto importante para o pensamento progressista, na medida em que seus acontecimentos se desdobravam. De um conflito distante envolvendo o Velho Mundo, a presença cada vez mais importante da guerra nos Estados Unidos se tornou uma encruzilhada moral que unia os Aliados entorno da luta pela sobrevivência e pelo futuro das democracias contra forças do passado, tidas como representantes da

autocracia e da tirania política. Durante o período, Robinson, Beard e Becker participaram em diferentes grupos e instituições encarregados de escrever material, seja de análise conjuntural ou mesmo propaganda, dedicado ao esforço de guerra. Assim como outros historiadores e intelectuais, deixaram em parte suas atividades profissionais para colaborar neste *front* importante que é a batalha no mundo das ideias.

Os direcionamentos do pós-guerra tiveram um importante impacto negativo no movimento progressista, especialmente porque frustraram algumas expectativas em relação às possibilidades de reforma social oportunizadas pelo fim do conflito. Para Ernest Breisach, o fim da Primeira Grande Guerra desvelou um cenário de desilusão cruel para os novos historiadores. Como haviam se dedicado a informar e a analisar aspectos do conflito, nutriam algum entusiasmo pela capacidade de planejamento, coordenação e produção gerados pela guerra, um ciclo de empregabilidade e oportunidades que foi entendido como prenúncio de um novo arranjo social e econômico para os Estados Unidos. No entanto, o que se configurou foi um retorno ao velho *laissez-faire* e a prevalências das instituições da velha ordem, inclusive na Europa. Em suas palavras,

“Historiadores progressistas esperavam que o horror geral sobre a destrutividade da guerra tecnologicamente avançada impediria a restauração da velha ordem internacional. Mas os aliados europeus, na luta por uma nova

<sup>22</sup> Este ensaio faz parte da coletânea de textos e cartas de Carl Becker organizados por Phil Snyder em 1958, *Detachment and writing of history: essays and letters of Carl L. Becker*.

<sup>23</sup> BECKER. *Detachment and writing of history*, p. 76-77.

ordem, acabaram por restaurar a velha ordem. O futuro previsto não apenas não foi atingido, como nem chegou perto.”<sup>24</sup>

Mesmo considerando que após o conflito os historiadores progressistas retomaram suas posições de defesa das proposições teóricas anteriores a 1914, e que no decurso da década de 1920 tornaram a história progressista um campo consistente de interpretação histórica, a formulação e desenvolvimento de um programa melhor elaborado da *New History* não é mais observável nas obras seguintes destes autores. Talvez com exceção de Harry Elmer Barnes, que manifestou um interesse contínuo em promover uma aproximação da história com as ciências sociais, o que pode ser observado em obras como *Social history of Western World* (1921) e *The New History and social studies* (1925), não há uma preocupação evidente, mesmo de James Harvey Robinson, em protagonizar uma defesa pública coordenada da *New History*.

Para Ernst Breisach, nem Robinson, Beard ou mesmo Barnes, um entusiasta posterior, encontraram caminhos alternativos de modo a tornar a *New History* um modelo historiográfico diferenciado e convincente, de modo a promover uma visão histórica propriamente americana. Os caminhos tomados institucionalmente após o fim da

guerra foram diagnosticados como a perda de uma oportunidade histórica de tornar os dísticos do grande selo dos Estados Unidos (*novus ordo seclorum*), uma realidade. Com um senso de urgência considerável, seus esforços se voltaram para a crença de que um futuro concreto e palpável estava bastante próximo e que a humanidade passava por um decisivo estágio neste sentido. Tais visões apocalípticas não constituem o ambiente mais favorável a reflexões teóricas acerca de modelos historiográficos possíveis. Eles tendem a minorar as dúvidas em nome de um ativismo intelectual mais direto e objetivo<sup>25</sup>.

<sup>24</sup> BREISACH. *American progressive history*, p. 117-118. “(...) progressive historians had expected that the general horror over the destructiveness of technologically enhanced warfare would prevent the restoration of the old international order. But the European allies in the struggle for a new order – did restore the old order. The envisioned future had only failed to arrive, it had not even come closer.”

<sup>25</sup> BREISACH. *American progressive history*, p. 124.

## BIBLIOGRAFÍA

- AVILA, Arthur de Lima. "Servindo a Lúcifer e não a Clio: a retórica da suspeição e da deslegitimação profissional na historiografia sobre o Oeste norte-americano (1990-1995)." *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 30, n. 53, maio-agosto 2014, p. 533-556.
- BANNER, Jr, James. (org.) *A century of American historiography*. Boston: Bedford, 2010.
- BARRACLOUGH, Geoffrey. *Main Trends in history*. New York/London: Holmes & Meier Publishers, 1978.
- BEARD, Charles. "That Noble Dream." *American Historical Review*, vol. 41, n. 1. (Oct., 1935), p. 74-87.
- \_\_\_\_\_. "Written history as an act of faith." *American Historical Review*, vol. 39, n. 2, Jan. 1934, p. 219-231.
- BECKER, Carl. "Everyman his own historian." *American Historical Review*, vol. 37, n. 2, Dec. 1931, p. 221-236.
- BENDER, Thomas. "New history: then and now." *Reviews in American History*, vol. 12, n. 4, Dec., 1984, p. 612 - 622.
- BIERCE, Ambrose. *The devil's dictionary*. New York: Dover Publications, 1993.
- BRAEMAN, John. Charles A. "Beard: the formative years in Indiana". *Indiana Magazine of History*, vol. 78, issue 2, 1982, p. 93-127.
- BREISACH, Ernst. *American progressive history: an experiment in modernization*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.
- FILENE, Peter G. An obituary for "The progressive movement". *American Quarterly*, vol. 22, n. 1, spring, 1970, p. 20 - 34.
- HIMMELFARB, Gertrude. "Reflections on the new history". *The American Historical Review*, vol. 94, n. 3, Jun., 1989, p. 661 - 670.
- \_\_\_\_\_. *The new history and the old: a critical essays and reappraisals*. Cambridge: Bellknap Press, 1987.
- HOFSTADTER, Richard. *Los historiadores progressistas*. Buenos Aires: Paidós, 1968.
- IACHTECHEN, Fabio Luciano. *O argonauta de cronos: estratos temporais em H. G Wells historiador*. 2015. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.
- IGGERS, George. *New directions in Europe historiography*. Connecticut: Wesleyan University Press, 1984,
- KATZNELSON, Ira. "Reflections on the New School's founding moments, 1919 and 1933". *Social Research*, vol. 76, n. 2, summer 2009, p. 395-410.
- KLEIN, Milton. "Everyman his own historian: Carl Becker as historiographer". *The History*



*Teacher*, vol. 19, n. 1, nov. 1985, p. 101-109.

MOURA, Gerson. *História de uma história: rumos da historiografia norte-americana no século XX*. São Paulo: Edusp, 1995.

NOBLE, David. *Historians against history: the frontier thesis and the national covenant in American historical writing since 1830*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1965.

NOVAIS, Fernando; SILVA, Rogério Forastieri. *Nova história em perspectiva*, vol. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NOVICK, Peter. *That noble dream: the "objectivity question" and the American Historical Profession*. New York: Cambridge University Press, 1988.

ROBINSON, James Harvey. "Nova história." In: NOVAIS, Fernando; SILVA, Rogério Forastieri. *Nova história em perspectiva*, vol. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 519-533.

SNYDER, Phil L. Carl L. "Becker and the Great War: a crisis for a humane intelligence". *The Western Political Quarterly*, vol. 9, n. 1, Mar., 1956, p. 1-10.

VASCONCELOS, José Antonio. *Quem tem medo da teoria: a ameaça do pós-modernismo na historiografia americana*. São Paulo: Annablume\Fapesp, 2005.

WILKINS, Burleigh Taylor. "Frederick York Powell and Charles Beard: a study in Anglo-American historiography and social thought". *American Quarterly*, vol. 11, n. 1 (Spring, 1959), p. 21-39.

\_\_\_\_\_. *Carl Becker: a bibliographical study in American intellectual history*. Cambridge, M.I.T. Press, 1961.